



A viver no país de Ahmadi-nejad, Hassan sente-se um “estrangeiro” no Irão e sonha com o dia em que dará o salto para o Ocidente. Enquanto não o consegue, alimenta a sua busca incessante no Facebook

D. R.

Campeão mundial de rinoplastias

Adolescentes sonham com caras de boneca, ao estilo de Hollywood

A obsessão iraniana com a beleza física é hoje um dos maiores tiros pela culatra da República Islâmica e dos seus ideais revolucionários. O país é campeão mundial de operações plásticas ao nariz, e quem o afirma é o jornal conservador “Etemad”. Mais de 200 mil iranianos, na sua maioria mulheres, são submetidos a operações plásticas para reduzir o tamanho do nariz e torná-lo mais empinado. O vício começa cedo e aos 14 anos há adolescentes a sonharem com uma “cara de boneca”, como aquelas que vêem em Hollywood e nos programas que lhes chegam através da televisão por satélite.

As razões para irem à faca são várias: há quem justifique a escolha como uma reacção à privação imposta pela hijab (véu que têm de usar a cobrir a cabeça e o pescoço), outros dizem estar apenas a tirar vantagem dos tempos modernos. “A ciência e a tecnologia avançaram e as pessoas podem ficar mais bonitas. Porque não o havíamos de fazer?”, argumentou uma das mulheres.

O aumento da inflação nos últimos meses fez com que os preços da requisitada cirurgia aumentassem ainda mais. Hoje um nariz à ocidental custa entre 50 e 100 milhões rials (1275 e 2551 euros). Já os preços de uma abdominoplastia variam entre os 30 e os 70 milhões de rials e um facelift entre 30 e 60 milhões, isto num país onde a média dos trabalhadores ganha 318 euros por mês.

Com a procura a subir, o número de fraudes é cada vez maior. Segundo o grupo de pesquisa do Centro de Estudos Estratégicos Arya, em Teerão, das 7 mil pessoas a trabalharem na capital iraniana na área da cirurgia plástica, apenas 157 são cirurgiões com licença. Segundo o jornal “Ettela’at” e vários sites iranianos, a mulher de Ali Akbar Velyati, um conselheiro de política externa do supremo líder, o aiatola Ali Khamenei, terá sido uma das vítimas de uma lipoaspiração.

Este método para conseguir nova nacionalidade foi entretanto posto de parte. “Acabei com a página para não ficar ligado politicamente a essa forma de casamentos arranjados”, admitiu. Por outro lado, “algumas pessoas vinham, comentavam ou gostavam apenas por brincadeira”.

Mesmo falhado o seu projecto de casamento, Hassan considera que as redes sociais, entre outros *media*, quando bem usados, podem ser úteis. “[No Irão] como as pessoas não sentem liberdade na vida real, muitos procuram essa liberdade em sociedades virtuais. Partilham as suas palavras e os seus trabalhos, procuram encontros amorosos, até prostitutas, ou então simplesmente fazem amizades e passam o tempo.”

Admite, no entanto, que a internet poderia ainda ser mais bem utilizada. “No Irão existem muitos meios paralelos para obter informações, mas não tanto para fomentar acções.”

A QUASE-POLÓNIA E O SONHO EUROPEU

Hassan sonha com a Europa. A Polónia, por exemplo, esteve muito perto. Através da ajuda de conhecimentos na Alemanha e na Polónia, que foi travando ao longo das suas deambulações pela Turquia, Hassan foi aceite num curso de Língua Polaca na Universidade Jaguelónica de Cracóvia. Tinha juntado algum dinheiro, pouco, mas o suficiente para os primeiros tempos e até já tinha casa onde ficar.

Tentou o visto para a Polónia duas vezes: em Agosto de 2011 e em Setembro de 2012, mas da Polónia veio o “não” e não lhe foi concedido o visto.

Para sair do país as dificuldades são internas e externas. Além disso, recusa pedir asilo político, por uma simples razão: “Não quero ficar marcado. Quero ser livre. Tornei-me também alérgico a tudo o que tem a ver com política.” Mas Hassan não desistiu. “Estou sempre à procura de novas oportunidades.”

“Lembro-me que uma vez uma rapariga húngara queria dinheiro e 2 mil dólares não eram suficientes para ela. Uma checa que perguntou aos pais se poderia casar-se comigo e eles disseram-lhe que não. Uma norte-americana ainda pensou nisso mas depois disse que seria difícil por causa de ques-

tões políticas entre o Irão e os Estados Unidos. E uma alemã que depois se apercebeu de que se casasse não teria mais direito a receber dinheiro do estado para os estudos. Também alguns amigos turcos aceitaram a ideia, mas o que eu queria mesmo era um passaporte forte.”